



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

GUILHERME ALVES COSTA SILVA

LIVRO DE IAIÁ

Um livro reportagem sobre a história de Maria do Carmo Veras

BRASÍLIA

2023

GUILHERME ALVES COSTA SILVA

LIVRO DE IAIÁ

Um livro reportagem sobre a história de Maria do Carmo Veras

Memorial Descritivo de Produto apresentado à Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília (UnB), como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Organizacional.

Orientador(a): Kelly Tatiane Martins Quirino

Co-Orientador(a): Elen Cristina Geraldês

BRASÍLIA

2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Kelly Tatiane Martins Quirino
Orientador(a)

Prof. Dra. Elen Cristina Geraldês
Co-orientador(a)

Prof. Dra. Elis Regina Araújo da Silva
Examinador(a)

Prof. Esp. Waleska Barbosa
Examinador(a)

Prof. Me. Danielle Soares Gomes
Suplente

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Osvaldo e Marina, que sempre me apoiaram do jeitinho deles, sempre acreditando que eu seria capaz de fazer um bom trabalho, cobrando o que tinha que cobrar na frente, mas tecendo elogios sem parar quando estava longe, e fazendo algumas tapiocas sem que eu precisasse pedir.

À minha irmã Carol, que sempre me contagia com sua coragem em investigar aquilo que faz a mente e o corpo arrepiar, que buscou se aproximar de suas origens e ancestralidade bem antes de mim e que me faz lembrar da sorte de ter nascido no mesmo dia que o seu.

Ao meu irmão Gugu, que sempre me enriquece com suas histórias e sonhos mesmo eu nem sempre sendo o melhor ouvinte.

Ao Jacobe, que mesmo estando longe segue sendo um colo no qual eu posso desaguar sempre que o tempo estiver nublado, com quem eu dividi o ensino médio, o teatro e parte da faculdade, e que foi a primeira pessoa a ouvir o começo dessa história.

Ao Richard, que sempre me encanta com sua sensibilidade, que consegue me escutar profundamente olhando nos meus olhos, e que constantemente me faz lembrar o quão bonito é viver.

A Lucianna, minha companheira, que sempre mandava mensagens positivas me motivando, que diariamente me lembra de celebrar as pequenas conquistas, que cuidou de mim com seu amor e carinho, que me suportou na minha distância e por quem sou apaixonado.

Aos queridos Dani, Carlos, Peixinho e Silvânia por me ensinarem tanto em nossas trocas na monitoria da disciplina de “Pensamento Negro Contemporâneo”.

Ao Yago e à Lis, por me aguentarem e por juntos termos construído uma amizade que tem nos ajudado a crescer e a evoluir como pessoas, potencializando a nossa negritude.

Ao grupo de “neigros” da Ambev, por sempre tentar construir um ambiente seguro, que reivindica a valorização de nossas potências, e que promove as reclamações e fofocas de boa qualidade na hora do almoço.

A meus amigos do teatro, por sempre me fazerem lembrar que tenho um espaço em seus corações e por nunca deixarem eu esquecer que a arte e o fazer arte são essenciais para sobreviver a este mundo.

A minha antiga psicóloga Ana Paula, por ter me ajudado a iniciar essa corajosa busca a procura de mim mesmo.

À professora Kelly Quirino por ser tão atenciosa e carinhosa comigo, por ter sido dura quando foi preciso e por me ajudar a colocar este trabalho no mundo. A professora Elen Geraldes, por ter sido minha primeira professora na faculdade e agora estar participando do encerramento deste ciclo.

Aos meus amados tias e tios, Nem, Socorro, Edite, Raimunda, Geraldo, João, Jorge, Carminha, Lourdes, Rosilda por terem me emprestado suas vozes para montar o coro que entoou os cânticos da história de Iaiá.

A minha querida avó Neuza, por ter aquecido meu coração nas manhãs difíceis de escrita, quem dizia “vá e volte com Deus” todas as vezes que saía para trabalhar e quem a história também me fascina.

A minha querida avó Maria e também ao meu avô Antônio, que não conheci, por constituírem uma família da qual eu sinto orgulho de fazer parte.

Por fim,

À Iaiá, por não ter desistido.

Eu sou a continuação de um sonho (Eu sou)
Da minha mãe, do meu pai, todos que vieram antes de mim
Eu sou a continuação de um sonho (Eu sou)
Da minha vó, do meu vô, quem sangrou pra gente poder sorrir
Eu sou a continuação de um sonho (Oh, fé, oh, fé)
Da minha mãe, do meu pai, todos que vieram antes de mim
Eu sou a continuação de um sonho (Oh, fé, oh, fé)
Da minha vó, do meu vô, quem sangrou pra gente poder sorrir (Aham)
Eu sou a continuação.

(BK - Continuação de um sonho)

RESUMO

O presente trabalho é um memorial do livro-reportagem “*Livro de Iaiá*”, que busca recontar a história de Maria do Carmo Veras, uma mulher negra, também conhecida como Iaiá, por meio dos relatos das pessoas que foram atravessadas pela sua existência. O livro foi escrito para fazer o resgate das memórias e destrinchá-las de uma forma que possibilitasse a compreensão de sua complexidade, bem como para incentivar o protagonismo preto de retomada de suas próprias narrativas e de destacar os saberes que podem ser encontrados nesse percurso. O formato de livro-reportagem, que tem seus fundamentos no jornalismo literário, foi escolhido para dar vazão às centenas de linhas dos relatos dos entrevistados e para verbalizar a vulnerabilidade e emoções que eles podem causar. Este memorial é a parte teórica que fundamenta a construção do “*Livro de Iaiá*”.

Palavras-chave: Memória; passado; ancestralidade; benzedeira; livro-reportagem.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. PROBLEMA DE PESQUISA	10
3. JUSTIFICATIVA	11
3.1. Do tema.....	11
3.2. Do produto.....	12
4. OBJETIVO	14
5. REFERENCIAL TEÓRICO	15
5.1. Introdução a construção das relações raciais no Brasil.....	15
5.2. Ascensão social do negro e epistemicídio.....	16
5.3. O reportagem.....	19
5.4. Biografia.....	21
5.5. Entrevista entrevistados.....	21
6. METODOLOGIA	24
6.1. Pré projeto.....	24
6.2. Projeto Final.....	24
6.2.1. Entrevistas.....	25
6.2.2. Pesquisa documental.....	26

6.2.3.	A	escrita	e	a	voz	da	
	narração.....						27
6.2.4.	Projeto						
	gráfico.....						28
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....						29
8.	REFERÊNCIAS.....						31
9.	APÊNDICES.....						33
9.1.	Apêndice	A	-	Roteiro	de		
	entrevistas.....						33

1. INTRODUÇÃO

O documentário “O Atlântico Negro: na rota dos Orixás” (1998), com direção de Renato Barbieri, apresenta um relato profundo sobre as relações entre Brasil e África. No filme existe uma passagem icônica que sinaliza um pouco do cenário desumano que os africanos trazidos para a América tiveram que enfrentar. Em Uidá, Benin, onde ficava um dos maiores portos de escravos, os negros precisavam andar até 5km para chegar ao porto. E no meio do caminho eles tinham que passar pela árvore do esquecimento.

"Neste lugar se encontrava a árvore do esquecimento. Os escravos homens deviam dar nove voltas em torno dela. As mulheres sete voltas. Depois disso, supunha-se que os escravos perdiam a memória e esqueciam seu passado, suas origens e sua identidade cultural para se tornarem seres sem nenhuma vontade de reagir ou se rebelar” (Atlântico Negro, 1998).

É claro que esse ritual não funcionava, e quando essa população chegava no Brasil recriava suas divindades e conservava como podia os seus valores culturais. A questão da passagem do documentário é que houve, e ainda existem, esforços sistemáticos de apagamento dos saberes dessas pessoas. Isso, certamente, se reflete sobre a dificuldade da geração atual e as gerações anteriores de saber mais sobre o passado de seus ancestrais diretos.

Este trabalho nasce, então, refletido nessa dificuldade de retorno à memória, com a possibilidade de agregar cientificamente ao tentar compreender esse fenômeno que se trata do apagamento, consciente ou não, dessas tradições e cultura de raízes afrodiáspóricas. Para fins de investigação, portanto, uma figura central, raiz profunda e negra de minha própria família, foi escolhida para ser o tema deste trabalho: Minha bisavó, também conhecida como Iaiá. Daí o nome “*Livro de Iaiá*”.

O objetivo deste trabalho é enaltecer a importância do resgate e preservação da memória como um instrumento de potencialização de aprendizados que moldam o presente e o futuro, incentivar o protagonismo negro dentro do ato de recontar a história e de evidenciar a presença de saberes legítimos em lugares que não estamos acostumados a ver como minas de conhecimento.

Sendo assim, o formato, livro-reportagem, parecia ser a melhor opção ao estabelecer uma estrutura que dá mais conforto e possibilidades para retratar a história de minha bisavó sem se preocupar com o número de páginas. A possibilidade de criar uma intimidade também favoreceu a escolha, uma vez que permite o conteúdo gerar um impacto maior na percepção do leitor e na forma de enxergar seu próprio passado, isto se ele ler com carinho e aberto a revisitar mesmo o tempo passado.

Para dar o embasamento necessário para a este memorial e conseqüentemente para a produção do livro-reportagem, autores como Conceição Evaristo, Chimamanda Adichie, Frantz Fanon, Lázaro Ramos, Neusa Santos e Sueli Carneiro formaram a base para discussão sobre memória, apagamento e relações raciais. E para compor a base técnica de entrevistas e produção foi utilizado o conhecimento dos autores Eduardo Belo, Edvaldo Pereira Lima e Cremilda Medina.

O “*Livro de Iaiá*” é um material construído e narrado por múltiplas vozes. A minha e a de mais 12 pessoas entrevistadas, entre netos e nora, deram vida para uma história que poderia estar ameaçada pelo esquecimento. Uma história que mostra inúmeras questões em sua complexidade e que é capaz de representar várias mulheres negras e suas famílias.

2. PROBLEMA DE PESQUISA

Para algumas pessoas o passado é algo fácil de ser acessado. Não existem barreiras para impedir que se viaje deliberadamente pelo tempo. Alguns amigos meus sabem muita coisa sobre suas origens. Sabem quem foram seus avós, bisavós, tataravós. Sabem de qual país eles eram, onde moravam, com o que trabalhavam, sabem seus nomes e seus rostos. Para mim é diferente. Com origens negras, miscigenada, o meu passado, o passado de minha família é algo difícil de ser acessado. Não existem registros suficientes. E compreender esse fato abriu portas para várias dúvidas.

“Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca. De que cor eram os olhos de minha mãe? Atordoada, custei reconhecer o quarto da nova casa em que eu estava morando e não conseguia me lembrar de como havia chegado até ali. E a insistente pergunta martelando, martelando. De que cor eram os olhos de minha mãe?” (EVARISTO, p. 15, 2014).

Inundado pelo mesmo sentimento de falta e incômodo pela ausência de respostas da personagem do conto “Olhos d’água” escrito por Conceição Evaristo, fui insistentemente acometido pelas perguntas de qual seria a origem de minha família. Qual era essa raiz negra que sustentava parte da base de minha árvore genealógica? Se ela pode ser representada pela minha bisavó Iaiá, então quem foi essa mulher? Porque não existem trabalhos que retomam o

protagonismo dessa narrativa? Como o resgate desse passado negro pode gerar impacto dentro e fora da academia? O que o resgate da história dela pode representar?

Essas foram algumas perguntas que me movimentaram em direção ao resultado final deste trabalho.

“E foi então que, tomada pelo desespero por não me lembrar de que cor seriam os olhos de minha mãe, naquele momento resolvi deixar tudo, e no dia seguinte, voltar à cidade em que nasci. Eu precisava buscar o rosto de minha mãe, fixar meu olhar no dela, para nunca mais esquecer seus olhos” (EVARISTO, p.18, 2014).

3. JUSTIFICATIVA

3.1. Do tema

O processo de colonização no Brasil arrancou milhares de africanos de seus lares para serem usados como mão de obra escrava nessa nova terra. Destituídos de qualquer humanidade, eles foram submetidos a um regime escravista que deixou marcas profundas em seus corpos e em seus espíritos. E embora a abolição tenha acontecido em 1888, a presente ordem social faz, até os dias de hoje, a manutenção de um sistema que privilegia a população branca em detrimento da população negra, e que perpetua a imagem de superioridade e inferioridade entre as raças construída durante o período colonial. Esse sistema possui muitas estratégias eficientes de manutenção, entre elas se destaca o controle das narrativas, o controle do ato de contar as histórias. Quem é que conta o que aconteceu? Qual história está sendo lembrada?

Nesse sentido, por conta do apagamento proposital, fruto da dinâmica racial com as culturas, saberes e histórias afrodescendentes, é muito difícil para uma família negra relembrar com riqueza e com todas as particularidades a origem e os feitos de seus antepassados. “Observem que os imigrantes europeus geralmente sabem descrever com

detalhes suas histórias e erguem museus para preservar a memória de seu povo. Onde estão a valorização e a preservação da nossa?”¹ Esse é o porquê de Iaiá.

Lázaro Ramos, em seu livro “Na minha pele”, quando relembra sobre a história do lugar de onde veio afirma:

“Lamento o tanto que se perdeu por falta de registros. As técnicas de sobrevivência e de construção, as plantas cultivadas, os rituais, tudo isso era conhecimento. Se ali era um lugar de ausências, com certeza também era um lugar de possibilidades. Se o caminho fosse outro, no que aquilo tudo poderia ter se transformado, o que eles poderiam ter se tornado? Esse saber e essas possibilidades com certeza perdemos por falta de registros” (RAMOS, p. 19-20, 2017).

É nesse contexto que se faz necessário recontar o “passado negro”. Não aquele marcado somente pela dor e sofrimento que essa expressão preconceituosa sugere, mas de assumir o lugar de narrador que há tanto tempo foi contrariada e revelar essas histórias escondidas e adormecidas. Este trabalho é um resgate de memória e celebração à vida de Iaiá, bem como de outras mulheres negras que são tão parecidas com ela. Recontar é uma forma de valorizar essa vivência bem como absorver os saberes que a acompanha.

Por fim, e não menos importante, a escolha de explorar a história de vida de Iaiá como tema deste trabalho é uma forma de instigar o olhar cuidadoso e a valorizar a produção de conhecimento que tem como base a investigação do cotidiano, do olhar e da escuta atenta aos sussurros e gestos do mundo. Por vezes a academia impõe um modelo rígido e eurocêntrico de pesquisa cujo resultado é a elitização do próprio conhecimento. Esse modelo impede a possibilidade de enxergar que existe sabedoria em todos os cantos. No jeito de coar o café, na hora de aguar as plantas do canteiro, na leitura das nuvens para dizer se vem chuva e no ato de lembrar o passado distante de um membro da família, de uma bisavó.

3.2. Do produto

A escolha para definir que o produto seria um livro-reportagem foi pautada nas possibilidades que esse formato oferece no momento de contar uma história. Por ter um formato mais livre e que se distancia em certa medida dos moldes do jornalismo tradicional, o livro-reportagem permite que se demore sobre as apresentações das personagens, sobre a descrição do cenário e contexto histórico, construindo uma narrativa de forma aprofundada, tecendo fio por fio, entrelaçando linha com linha, e assim dando vida a história.

¹Ramos, Lázaro. **Na minha pele**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

O jornalista Eduardo Belo ao trazer conceitos sobre este produto em seu livro intitulado “livro-reportagem” afirma:

“O livro pede um nível de detalhamento, profundidade e contextualização que outros veículos não conseguem. Até por sua extensão e pelo trabalho mais acurado de pesquisa, ele leva evidente vantagem em relação aos periódicos na hora de explorar as ramificações de um tema, as conexões entre fatos diferentes, os desdobramentos de cada história e as infinitas maneiras de contá-las” (BELO, 2006, p. 42).

Identificar essa característica do livro-reportagem que permite a profundidade e que não se preocupa em demasia com a extensão do texto foi um aspecto importante no processo decisório do formato do produto. Seria impossível tentar resumir alguma parte da história de Iaiá para fazê-la caber em um número pré-estabelecido de páginas, pois o envolvimento com a história se dá a medida em que os sentimentos vão se desenvolvendo e Iaiá vai ganhando a complexidade que a define. Essa construção requer tempo, ou melhor, palavras.

Para concluir, o livro-reportagem tem um espaço de atemporalidade, de permanência. Ele poderia permitir que Iaiá pudesse sobreviver pelo tempo nas gravações de cada página escrita.

“Diferentemente das reportagens do cotidiano, que, em sua maioria, caem no esquecimento no dia seguinte, o objetivo aqui é a permanência. Um bom livro permanece por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos” (PENA, 2006, p. 8)

4. OBJETIVO

Reconhecer a importância da memória é um dos primeiros objetivos deste trabalho. Compreender que o passado não está completamente inerte e que ele ainda influencia o ritmo da percussão que rege a atualidade é fundamental para tirar aprendizados que poderão ditar a construção do futuro. Observar e fazer a leitura minuciosa de eventos que aconteceram anos e anos atrás são a chave para entender a forma como tudo está disposto no âmbito social. Além disso, se debruçar sobre esses eventos a um nível familiar pode evidenciar como o passado pode construir ou reconstruir a identidade de um sujeito.

O segundo objetivo deste trabalho é incentivar a retomada da voz e do protagonismo das personagens que fazem parte do passado negro. Por muito tempo a história da comunidade negra tem sido contada pelos colonizadores, pela branquitude e isso faz com que se crie versões reducionistas e estereotipadas dessa população, que são constantemente associadas a sofrimento, subalternidade e dor. Falar de contação de histórias é falar sobre relações de poder, pois aquele que conta pode criar uma única versão de uma história, transformando um comunidade inteira e complexa e uma única coisa². Então, uma pessoa

negra poder contar a história de sua bisavó negra é uma forma de celebrar a comunidade e expor suas múltiplas faces.

O terceiro e último objetivo deste trabalho é convencer o leitor, que por ventura ler o livro inteiro, a buscar suas origens, buscar saber quem foram seus antepassados. Dedicado em especial a pessoas negras, mas sem excluir os demais, este trabalho busca mostrar que é possível buscar afago, conselhos e sabedoria com aqueles que vieram antes, com aqueles que abriram os caminhos quando sequer existia direção. Este trabalho busca, no bom sentido, tornar incômodo o fato de não se saber de onde veio e assim dar o primeiro passo, para trás.

5. REFERENCIAL TEÓRICO

Para embasar a criação do “Livro de Iaiá”, foram escolhidas algumas perspectivas para a construção da análise do objeto: a história da construção das relações raciais no Brasil, a relação entre ascensão social e epistemicídio e o formato livro-reportagem.

5.1. Introdução a construção das relações raciais no Brasil

“Espalhando a ideia de que todo preto deve ter um lugar para chamar de seu. Eu me sinto a um oceano de casa. É como se faltasse um pedaço meu”, canta o rapper carioca Thiago Elniño no trecho de sua canção “Atlântico”. Estima-se que quase 5 milhões de africanos, de várias etnias e lugares de África, desembarcaram no Brasil para serem escravizados entre os anos de 1501 e 1850.³ Milhões de africanos que atravessaram o Oceano Atlântico em condições subumanas para serem usados como força de trabalho.

² Adichie, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução Julia Romeu. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

³ <https://www.slavevoyages.org/>

Foi somente depois de quase três séculos cultivando o regime escravista que no dia 13 de maio de 1888, cerca de 134 anos atrás, que a princesa Isabel, filha do imperador Dom Pedro II, oficializou o fim da escravidão no Brasil assinando a Lei Áurea. Machado de Assis, um dos maiores escritores da literatura brasileira, participou das comemorações do fim da escravidão no Rio e relembra, “Todos saímos à rua. Todos respiravam felicidade, tudo era delírio. Verdadeiramente, foi o único dia de delírio público que me lembra ter visto”.⁴

Houve festa... mas não durou muito. A lei em si não mudava a realidade da população negra recém liberta, pois o governo brasileiro não criou nenhum mecanismo de inserção e muito menos indenizou essas pessoas pelas violências cometidas à elas ao longo dos séculos. A lei era simples, curta e grossa: Artigo 1: "É declarada extinta desde a data desta Lei a escravidão no Brazil. Artigo 2: Revogam-se as disposições em contrário".⁵ Dentro desse contexto, no período pós-abolição, essa população, que não tinha nenhum apoio do Estado, foi submetida a uma estrutura social que não os reconhecia como iguais, e que não tinha o menor interesse em acolhê-los.

Ademais, em paralelo ao movimento de abolição, a elite nacional, o grupo social que detinha o poder sobre as estruturas mais altas da camada social na época, por medo das conquistas da população negra rumo à liberdade e já prevendo dentro do cenário político que isso aconteceria, criou estratégias para que pessoas negras não compusessem de fato o que seria chamado de “cidadãos brasileiros”.

Uma dessas estratégias criadas para dificultar a inserção da população negra à sociedade foi o incentivo à imigração europeia por parte do Estado brasileiro, que tinha como objetivo importar valores e costumes europeus para ajudar no embranquecimento e constituição da população do país. Foi em 1850 que o Brasil criou uma política imigratória consistente quando “promulgou a lei 601, que regulamentou a concessão de terras públicas e tornou mais fácil a expedição de títulos de propriedade para estrangeiros – um ato coincidente com a abolição do tráfico de escravos” (SEYFERTH, 1996, p. 44).

A outra estratégia foi a importação e disseminação de teorias racistas, originalmente elaboradas na Europa a partir do século XIX, que declaravam que havia grupos humanos que eram exclusivamente superiores em função daqueles que eram considerados inferiores. De um lado, existia uma linha teórica que repudiava a mistura entre as raças, uma vez que para os teóricos a raça negra sempre seria invariavelmente inferior e por isso perpetuaria a propagação de “genes ruins”. Por outro lado, existia a linha teórica que acreditava na

⁴ <https://www.bbc.com/portuguese/resources/idt-sh/lutapelaabolicao>

⁵ <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/385454>

purificação racial por meio da miscigenação entre negros e brancos, e que a própria seleção natural cuidaria e faria com que no futuro a nação fosse composta somente por brancos de matriz européia.⁶

Portanto, como consequência dessas estratégias, a população imigrante que chegou foi acolhida e assumiu os postos de trabalhos mais valorizados, com condições de acomodação e com estruturas básicas asseguradas pelas políticas públicas do governo. A população negra recém-liberta, em contrapartida, completamente abandonada pelo Estado e substituída pela mão de obra estrangeira, se viu forçada a entrar em um novo sistema econômico que as excluía no processo produtivo. Para eles, “de maneira geral, restaram-lhes os afazeres presentes nas regiões rurais economicamente decadentes, as atividades urbanas desqualificadas e as tarefas propiciadoras de risco de morte...”⁷ Restaram-lhes os “serviços de preto”.

5.2. Ascensão social do negro e epistemicídio

A trajetória de ascensão social do negro no Brasil é marcada pelo processo de negação de sua própria identidade, em não querer mais se reconhecer e nem de ser visto tal como se verdadeiramente é, pois não existia muitas opções:

“...naquela sociedade, o cidadão era branco, os serviços respeitáveis eram os “serviços-de-brancos”, ser bem tratado era ser tratado como branco. Foi com a disposição básica de ser gente que o negro organizou-se para a ascensão, o que equivale dizer: foi com a principal determinação de assemelhar-se ao branco — ainda que tendo que deixar de ser negro — que o negro buscou, via ascensão social, tornar-se gente.” (SOUZA, 1983, p. 21)

Mesmo após a desagregação da sociedade escravocrata em detrimento de uma sociedade capitalista, o negro liberto permaneceu enclausurado em um conjunto de definições que o interpretavam como inferior. Porém, mesmo com as inúmeras barreiras, “o negro foi, aos poucos, conseguindo ocupar espaços que o integravam à ordem social competitiva e lhe permitiam classificar-se no sistema vigente de classes sociais” (SOUZA, 1983, p.21). A ascensão era uma forma de redenção, um negócio dignificante cujo a recompensa seria a prova irrefutável de ser considerado por fim um cidadão legítimo e integrado à sociedade.

“A história de ascensão é, assim, a história de sua assimilação aos padrões brancos de relações sociais. É a história da submissão ideológica de um estoque racial em

⁶ Conselho Federal de Psicologia (CFP). Relações Raciais. Referências Técnicas para atuação de psicólogas/os. Brasília. p. 24-25, 2017.

⁷ Idem, p. 40-41.

presença de outro que se lhe faz hegemônico. É a história de uma identidade renunciada, em atenção às circunstâncias que estipulam o preço do reconhecimento ao negro com base na intensidade de sua negação.” (SOUZA, 1983, p. 23)

Essa negação de si mesmo provoca no indivíduo negro um impulso de abdicar completamente de sua linguagem, de sua cultura, religião, comportamentos, e de tudo que o define enquanto pertencente à sua comunidade para dar lugar aos valores e características que constituem a hegemonia branca. O psiquiatra e intelectual negro Frantz Fanon enriquece o assunto quando afirma:

“Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da metrópole. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será. (FANON, 2008, p.34)

É possível, então, traçar um paralelo ao combinar o ato de ir para a metrópole como a estratégia de ascensão social. Existe o campo e a cidade. Existe o interior e a capital. A metrópole é o destino final, é a consagração da inserção do indivíduo à ordem social vigente. E o deslocamento em direção a metrópole é sepultamento de sua identidade em prol do padrão instaurado na cidade grande, pois “antes mesmo de embarcar a amputação de seu ser vai desaparecendo” (FANON, 2008, p. 38). O sepultamento de si mesmo, esse apagamento identitário, tem fundamento naquilo que pode ser interpretado como epistemicídio.

Buscando em Boaventura Sousa Santos (1997), professor e pesquisador, uma fonte primária para a contextualização acerca do que é epistemicídio, Sueli Carneiro em sua tese de doutorado “ A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser” deixa visível a concepção do autor que acredita que:

“...o epistemicídio se constituiu e se constitui num dos instrumentos mais eficazes e duradouros da dominação étnica/racial, pela negação que empreende da legitimidade das formas de conhecimento, do conhecimento produzido pelos grupos dominados e, conseqüentemente, de seus membros enquanto sujeitos de conhecimento.” (CARNEIRO, 2005, p. 96)

Já para a autora, epistemicídio é:

“...para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso a educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado.” (CARNEIRO, 2005, p. 97)

O conceito de epistemicídio, assim definido, permite destrinchar pontos relevantes para compreender a complexidade que reside na constituição da história das relações raciais no Brasil, bem como da formação identitária e autoestima da população negra. A cultura hegemônica eurocêntrica impõe sua superioridade por meio do aparato sistematizado que foi construído intencionalmente ao longo dos séculos e que deslegitima e subjuga tudo aquilo que não faz parte dos ideais ditados por ela mesma. Em outras palavras, qualquer produção de conhecimento/cultura que tenha sua origem em outras estruturas de povos e civilizações é automaticamente questionado e invalidado.

“A negação da plena humanidade do Outro, a sua apropriação em categorias que lhe são estranhas, a demonstração de sua incapacidade inata para o desenvolvimento e aperfeiçoamento humano, a sua destituição da capacidade de produzir cultura e civilização prestam-se a afirmar uma razão racializada, que hegemoniza e naturaliza a superioridade européia” (CARNEIRO, 2005, p. 99).

Dado esse contexto, o apagamento de saberes e a inviabilização, e deslegitimação de tudo aquilo que pertencia a população negra atrelado ao que a ascensão social representava e exigia, evidencia o tamanho das lacunas que existem na história sobre a produção de conhecimentos e cultura relevantes em todos os campos, e da memória do passado desse povo. A classe hegemônica branca se esforçou para enterrar, ainda que vivo, tudo fosse pertencente à população negra.

5.3. O livro-reportagem

O livro-reportagem é a prova concreta da menor distância entre o jornalismo e a literatura. Este formato se fundamenta na vertente do jornalismo conhecida como jornalismo literário, que segundo o professor e pesquisador Felipe Pena, significa:

“...Potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira” (PENA, 2006, p. 06).

Para analisar a intersecção entre jornalismo e a literatura, contudo, faz-se necessário primeiro entender suas divergências. O jornalismo é constituído como um instrumento civilizatório mediante o qual as pessoas são informadas sobre o que acontece no mundo. Diferente das artes que podem traduzir o mundo por meio da ficção, o jornalismo trata de reproduzir a realidade concreta, factual. (LIMA, 1993). “O jornalismo busca, desse modo,

acompanhar as diversas esferas da existência contemporânea para construir uma leitura em mosaico daquilo que é atual e — em tese, pelo menos — de interesse público” (LIMA, 1993, p. 9).

“O relato dos fatos que têm repercussão pública também implica a identificação de pessoas que participam dos acontecimentos, a localização das ações sobre as quais o relato se debruça, a circunscrição temporal do momento das ocorrências — mas sempre amarrada a uma preocupação com a atualidade — e a indicação da maneira como se desenrolaram os eventos. Em muitos casos, o relato avança para tentar explicar a causa — ou as causas — da ocorrência focalizada em cada mensagem jornalística; às vezes ousa sugerir os desdobramentos futuros, as consequências dos acontecimentos” (LIMA, 1993, p.10).

A literatura, em contraponto, tem a liberdade de produzir um texto inundado de plurissignificações, com metáforas e enigmas na base da construção da realidade interpretada. E nesse caso, “O escritor não tem compromisso expresso com o real imediato, vale-se de personagens e não de seres com identidade registrada, não é obrigado a comprovar suas intuições com vozes autorizadas que representem o conhecimento humano” (MEDINA, 1996, p. 212).

Sendo assim, dada a exposição de suas diferenças, no ponto de convergência entre jornalismo e literatura é possível enxergar, a partir do campo textual, a variedade de ferramentas literárias que um jornalista pode utilizar. A título de exemplo, a minuciosidade nas descrições, comentários, variação do ritmo narrativo e a troca de perspectivas podem ajudar a enriquecer o texto a ser redigido.

No entanto, mais do que recursos de construção de texto, a literatura convida aquele que escreve a ter um olhar mais sensível para, assim, enxergar com profundidade e complexidade a pauta que está prestes a ser destrinchada, pois "só um jornalista exposto à sensibilidade, racionalidade e ações criativas precípuas ao artista, poderá, ele próprio, se aperfeiçoar para conviver mais complexamente com o real imediato" (MEDINA, 1996, p. 215).

O livro-reportagem, portanto, como um produto do jornalismo literário, proporciona um terreno fértil para elaboração de uma boa produção pois consegue compreender três dimensões que acrescentam relevância para o trabalho jornalístico: extensão, profundidade e perenidade.

A qualidade de extensão é instigada na medida em que o livro-reportagem “não se limita ao rigorosamente atual, trabalhando temas um pouco mais distantes no tempo, de modo que possa, a partir daí, trazer explicações para as origens, no passado, das realidades contemporâneas” (LIMA, 1993, p.34). Ele permite transcender o meramente atual para

investigar as implicações, hoje, de eventos que aconteceram há anos, décadas atrás (LIMA, 1993, p. 21). Assim, páginas e páginas não são um problema, são na realidade uma oportunidade de esmiuçar e criar significando unindo várias fases temporais.

Nos dias de hoje, para atender a uma demanda comercial, o jornalismo possui uma rotina de produção intensa que procura “dar conta do recado dentro dos rígidos prazos industriais com os quais hoje se faz o jornal. [...] Para ganhar tempo, essa rotina procura a simplificação” (LIMA, 1993, p. 20-21). É preciso ser o primeiro a publicar. O mais rápido possível. Então, “é na expectativa de encontrar a explicação que o jornal não deu ou de ser informado das ações de bastidores, [...] que o leitor pode motivar-se a um aprofundamento na grande-reportagem que o livro propõe” (LIMA, 1993, 37), superando, assim, a superficialidade da rapidez.

Para terminar, “enquanto o jornalismo comum é efêmero, sua mensagem sendo pouco retida pelo leitor e caindo logo no esquecimento, o livro-reportagem tenta combater essa tendência, procurando unir permanência e profundidade” (LIMA, 1993, p. 29). “Um bom livro permanece por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos” (PENA, 2005, p. 8).

5.4. Biografia

Seguindo a linha de raciocínio, como o livro-reportagem é sobre Iaiá e a sua vida, foi preciso buscar uma referência que pudesse dar embasamento à produção do processo de investigação biográfica. Maria Cristina Gobbi (2011), no livro “Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação”, citando Vilas Boas (2002), expõe quais seriam as fontes que um biógrafo poderia recorrer para embasar sua pesquisa:

“Vilas Boas (2002, p. 53-55) afirma que as fontes de um biógrafo são idênticas às de um historiador. Neste sentido, ele chama de fontes primárias “as gravadas ou impressas que não dependem de filtro da memória humana no presente da investigação”. São elas: documentos (oficiais e não oficiais). Já as fontes secundárias são aquelas que “dependem diretamente do exercício da lembrança, ou seja, da remontagem do passado” (VILAS BOAS, 2002. p. 53-55, apud GOBBI, 2011, p. 91)

Dentro das proposições de classificações do formato livro-reportagem, inclusive, existem duas categorias que englobam características biográficas: primeiro tem o *livro-reportagem-história*, que “focaliza um tema do passado recente ou algo mais distante no tempo. O tema, porém, tem geralmente algum elemento que conecta com o presente, dessa

forma possibilitando um elo comum com o leitor atual” (LIMA, 1993, p. 46); e segundo o *livro-reportagem-perfil* que:

“Trata-se da obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse. [...] a pessoa geralmente representa, por suas características e circunstâncias de vida, um determinado grupo social, passando como que a personificar a realidade do grupo em questão” (LIMA, 1993, p.45).

Dessa forma, serão analisadas, em primeira instância, documentos oficiais e não oficiais, correspondências, livros de memórias, fragmentos escritos, diários e fotos para garantir a construção da história sem o caráter subjetivo da memória ou da experiência pessoal de alguém. (GOBBI, p. 92-93) Depois, ou simultaneamente, entrarão as informações e análises feitas pela investigação das entrevistas em profundidade. Isso será o bastante para montar a biografia de Iaiá.

5.5. Entrevista e entrevistados

A professora Cremilda Medina, doutora em ciências da comunicação, em seu livro “Entrevista: O diálogo possível”, conceitua entrevista como “ uma técnica de interação social, de interpretação informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à popularização de vozes e à distribuição democrática de informação (MEDINA, 1995, p. 8). Entrevistar é, de forma simplória, perguntar, ouvir e dialogar.

Essa “técnica de obtenção de informações” (MEDINA, 1995, p.18) é uma das partes mais importantes da confecção de uma grande reportagem. Em seu livro, Medina traz contextualizações úteis ao processo de entrevistar, que dizem respeito tanto ao entrevistador quanto ao entrevistado, e que podem ser separadas em três momentos: o pré, o durante e o período pós entrevista.

O momento pré diz respeito à preparação do entrevistador que antecede o ato de entrevistar. Se o jornalista “não tiver um repertório generalizado acumulado — uma visão do social, do político, do econômico, sensibilidade e conhecimento acerca dos fatos culturais —, terá de fazer um esforço imediato para se *atualizar*” (MEDINA, 1995, p.28). Não tem como o entrevistador chegar de mãos vazias, é preciso preparação como estudo e leituras que possibilitem o desenvolvimento da discussão sobre o tema.

No momento durante, se por parte do entrevistador “não houver consciência das etapas de observação mútua — namoro, busca da confiança recíproca, entrega —, a matéria

resultará numa versão pobre do que teria sido uma entrevista” (MEDINA, 1995, p.29). Em todo caso, é preciso entender que:

“Um jornalista diante de qualquer pessoa é, no mínimo, um invasor, um perturbador da privacidade, aquele tipo que quer tornar público o que o indivíduo nem sempre está disposto a desprivatizar. E, na pior das hipóteses, o jornalista é aquele que deforma tudo o que diz. De um extremo a outro, impõe-se uma tarefa extra à pauta: preparar a atmosfera de trabalho, proporcionar, com habilidades que têm muito de psicológicas, ou pedagógicas, uma abertura para o desbloqueio, o desarmamento. Só após desanuviar as desconfianças é que efetivamente se pode abordar a pauta” (MEDINA, 1995, p.30).

Depois de realizar a entrevista, no momento pós, faz-se necessária a apuração dos fatos para que se dê início ao processo de costura da matéria. Esse momento é sobre pegar o material em seu estado bruto, que englobam entrevistas, percepções, dados analíticos, fontes especializadas, contexto e etc., e ir lapidando até que se consiga enxergar a imagem da narrativa que está sendo construída. Dentro dessa experiência,

[...] quando, em um desses raros momentos, ambos — entrevistado e entrevistador — saem “alterados” do encontro, a técnica foi ultrapassada pela “intimidade” entre o EU e o TU. Tanto um como outro se modificaram, alguma coisa aconteceu que os perturbou, fez-se luz em certo conceito ou comportamento, elucidou-se determinada autocompreensão ou compreensão do mundo. Ou seja, realizou-se o Diálogo Possível. (MEDINA, 1995, p.7)”.

Ainda sobre o tema de entrevistas, existem vários formatos que se pode utilizar. Entre eles, o mais adequado ao livro-reportagem seria o entrevista em profundidade e em formato semi-aberto. Segundo Jorge Duarte (2011), também no livro “Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação”, a entrevista em profundidade é um método que busca “com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer” (DUARTE, 2011, p. 62). Esse método valoriza e entende que o objetivo muitas vezes está no aprendizado por meio da percepção de riqueza, diversidade, de detalhes, e pela reunião de informações e descobertas que contribuem para o estabelecimento de conclusões (DUARTE, 2011).

Duarte complementa dizendo que:

“Nesse percurso de descobertas, as perguntas permitem explorar um assunto ou aprofundá-lo, descrever processos e fluxos, compreender o passado, analisar, discutir e fazer prospectivas. Possibilitam ainda identificar problemas microinterações, padrões e detalhes, obter juízos de valor e interpretações, caracterizar a riqueza de um tema e explicar fenômenos de abrangência limitada” (DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. 2011, p.63)

E pensando na melhor forma de extrair as informações, de aproveitar ao máximo os caminhos das respostas durante a entrevista, o formato semi-aberto é o ideal. Esse formato

exige uma organização inicial das entrevistas, um roteiro de partida, mas não se restringe somente a isso, deixando em aberto a possibilidade de adentrar com novas perguntas e outros temas de interesse que podem surgir durante a conversa.

“O pesquisador faz a primeira pergunta e explora ao máximo cada resposta até esgotar a questão. Somente então passa para a segunda pergunta. Cada questão é aprofundada a partir da resposta do entrevistado, como um funil, no qual perguntas gerais vão dando origem a específicas. O roteiro exige poucas questões, mas suficientemente amplas para serem discutidas em profundidade sem que haja interferências entre elas ou redundâncias” (DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. 2011, p.66).

6. METODOLOGIA

6.1. Pré-projeto

Desde o início a ideia era fazer um trabalho final que estivesse relacionado diretamente com as temáticas raciais, só que não existia ainda um tema específico. Até que no primeiro semestre de 2020, a disciplina “Comunicação e Epistemologias Negras”, ministrada pela professora Kelly Quirino, começou a delimitar o tema que seria escolhido. Em resposta ao trabalho final, que exigia um artigo científico, surgiu a ideia de falar sobre a relação entre o epistemicídio e a ascensão social dentro do contexto familiar, que, em outras palavras, significava falar sobre o apagamento de saberes afrodiaspóricos e sua relação com a melhoria de vida dentro da minha família.

Nesse sentido, Iaiá, a minha bisavó, foi escolhida para compor a parte principal do objeto de estudo. Seria investigado os seus conhecimentos e o porquê deles terem sido perdidos ao longo das gerações, em uma tentativa de resgatar essas raízes negras perdidas com o passar do tempo. A pergunta principal que guiava o trabalho era “Porque eu não conheço a história de minha bisavó?”.

Contudo, na elaboração do roteiro de perguntas e nas conversas informais com os familiares, que serviram com uma sondagem inicial sobre a história de vida de Iaiá, a pergunta guia foi se transformando. Ela passou da primeira pessoa do singular para a terceira pessoa do singular. Passou de “porque EU não conheço?” para “quem foi ELA?”.

Primeiro, o trabalho era sobre investigar os porquês das coisas, mas eu entendi que era muito mais precioso resgatar sua história completa e registrá-la em um livro, o livro de Iaiá. Sendo assim, o trabalho se voltou para a investigação da vida de Iaiá. E, graciosamente, o livro acabou respondendo de forma indireta todos os questionamentos feitos no início da elaboração do pré-projeto, uma vez que falar de Iaiá é falar de várias pessoas. Falar de Iaiá é falar sobre aquilo que se perdeu, aquilo que ficou e aquilo que pode ser reaprendido.

6.2. Projeto Final

Postulado que o objeto de estudo final do trabalho era Iaiá e sua história, as entrevistas presenciais foram a parte mais importante no processo de construção do livro. Um roteiro de perguntas, anexado ao final deste presente trabalho, foi elaborado como base inicial para o aprofundamento dos diálogos e uma pesquisa sobre documentos e fotografias foi feito durante o período que sucedeu as entrevistas.

Ademais, para além dos estudos sobre a história das relações raciais aqui no Brasil, foi preciso realizar uma pesquisa bibliográfica que pudesse gerar a compreensão sobre assuntos como memória, oralidade, religião, benzimentos, benzedeadas e superstições, para de fato conseguir o aprofundamento desejado. Destaco aqui os seguintes trabalhos: “Tradição oral afro-brasileira: as razões de uma vitalidade”, de Emilio Bonvini, “A prática da benzedeadas: memória e tradição oral em terras mineiras”, de Celina Cunha e “A prevenção do mal-dos-sete-dias ou mal-de-umbigo por meio da prática da fomentação: reconhecimento, compreensão e valorização dos saberes tradicionais”, de Luana Campos e Kenia Silva. .

6.2.1. Entrevistas

As entrevistas foram, essencialmente, um exercício de sensibilidade. Desde o começo, eu já sabia que acessar a história de Iaiá por meio dos entrevistados seria algo que exigiria um olhar mais atento, mais caloroso e sensível. Até a forma de falar e perguntar poderiam me aproximar ou afastar de saber o que de fato aconteceu e como isso tocou seus corações. Medina traz uma colocação na qual me baseei durante o processo:

“Uma sensibilidade diferenciada que se manifesta através do gesto, do olhar, da atitude corporal. Um repórter que se debruça sobre o entrevistado para *sentir* quem é o outro, como se estivesse contemplando, especulando uma obra de arte da natureza, com respeito, curiosidade, por certo esses fluidos positivos de uma percepção aberta chegarão, por complexos sinais, à percepção do entrevistado. Nunca é demais salientar que o diálogo se dá sobretudo no nível da sensibilidade” (MEDINA, 1995, p. 30-31).

Ao todo foram entrevistadas 12 pessoas, os netos e a nora de Iaiá, que são: minha mãe Marina, meus tios Jorge, João e Geraldo, minhas tias Rosilda, Socorro, Raimunda, Francisca, Carminha, Lourdes, Edite e minha avó Maria. Todas as entrevistas aconteceram presencialmente, com a maioria sendo no Distrito Federal. Somente as entrevistas da Carminha, Lourdes e Maria que aconteceram em Teresina, Piauí, local onde residem.

Eu busquei realizar as entrevistas, ou pelo menos em grande parte dela, na casa da pessoa que eu estava entrevistando. Isso se provou ser uma tática muito produtiva pois, primeiro, a pessoa ficava mais confortável em um local de sua escolha e, conseqüentemente, sentia-se mais à vontade para se alongar na conversa e permanecer aberta. Segundo, estando confortável, ela se empolgava com a história e acabava trazendo objetos, fotos e documentos que intensificavam ainda mais sua jornada de resgate de memória, isso enriqueceu os relatos.

Por fim, em terceiro, a entrevista se transformou em algo além de uma mera entrevista. Por vezes a posição de entrevistado e entrevistador se perdeu no meio dos diálogos, alternando-se, e foi algo que trouxe relatos e experiências extremamente potentes. Eu tive a chance de conhecer meus tios como nunca antes havia tentado ou pensado. Os conheci em seus medos, triunfos e alegria, e os conheci, sobretudo, por causa de Iaiá. Foi conhecendo ela que eu acabei conhecendo meus tios e tias. Seus relatos serviram para que a análise sobre a Iaiá se tornasse completa e complexa.

Para acrescentar, tive que me articular bem para aproveitar os momentos os quais chamei de “entrevistas informais”. Por mais que durante as entrevistas meus familiares tenham respondido bem às perguntas feitas, sempre que ligava o gravador de áudio seus comportamentos mudavam, bem como o jeito de falar, o que era normal de se esperar. E sempre que eu desligava o gravador, eles se sentiam mais confortáveis para contar alguma história engraçada, histórias sobre brigas, brincadeiras e implicâncias que envolviam Iaiá. Quando o assunto era “polêmico”, eles falavam até sussurrando.

De forma geral, consegui encontrar estratégias felizes para não perder esses trechos efêmeros. Aproveitei todos os momentos de ir para a cozinha ver se a comida estava pronta, ajudar a carregar uma sacola, dar carona, fazer uma visita inesperada, para

perguntar e fazer anotações extra oficiais. Porém, quase sempre eles que vinham até mim alegando que tinham lembrando de uma coisa engraçada. Na hora de gravar, por fim, foi sobre começar a gravar o áudio um pouco antes ou deixar o aparelho gravando um pouco mais que o esperado.

6.2.2. Pesquisa documental

A parte da pesquisa documental foi a parte mais difícil. Foi somente quando viajei para Teresina entrevistar parte de minhas tias que consegui encontrar fotos, papéis e documentos que fossem úteis para compor o livro. Carteira de trabalho, benzimento transcrito por alguém, uma foto rara, essas foram algumas das coisas que encontrei. E mesmo com todo o esforço realizado, mesmo que esse material possa ser considerado pouco, eu considero uma grande vitória dado que achei que não encontraria nada tão substancial, e que as relíquias de Iaiá e de meu avô Antônio não foram bem preservadas, muito já se perdeu.

Além disso, encontrei também outros vestígios de Iaiá em coisas maiores que um papel como, por exemplo, uma cadeira, um quadro, um santo. Coisas do dia-a-dia, sem muita relevância à primeira vista, mas que ainda despertam uma certa memória. “Olha, a Iaiá costuma sentar nessa cadeira. Essa era a cadeira dela”. Essas eu mantive guardadas no peito, pois eram inúmeras coisas, não havia tempo hábil de catalogar todos os objetos. Mas deu vontade.

6.2.3. A escrita e a voz da narração

Todas as entrevistas que realizei me inundaram. No momento em que estava escutando cada um fiquei imerso em suas histórias que enalteciam o que Iaiá representou e segue representando para cada um. Foi muito difícil não se emocionar. As lembranças eram tão lindas e potentes, refletiam as contradições entre dor e alegria. Depois, escutando-as novamente, afogava-me em minhas próprias lágrimas. Nunca antes algo me tocou como este trabalho.

Minhas palavras limitam um pouco a dimensão desse evento que foi escrever. Tinha dias em que me sentia tão sensível, abalado pela dor e sofrimento que Iaiá passou, que tudo ao redor parecia gigantesco. Cada estímulo externo reverberava aqui dentro de uma forma que deixava minhas pernas bambas e minhas lágrimas com vida própria. E logo depois, que

já estava em cinzas, renascia ao escutar as risadas, brigas e o que essa mulher fez para que todos ao seu redor pudessem permanecer.

Sendo assim, banhando por toda essa sensibilidade, não medi esforços para entregar no texto toda essa carga de sentimentalidade e vulnerabilidade, que ajudaram a recontar a história de Iaiá. Se escrevi chorando, com raiva ou feliz, tudo isso está impresso em cada página desse livro. E pensando nesses momentos, separei o livro em quatro partes.

A parte I fala sobre suas origens geográficas e suas relações conjugais, além de contar um pouco sobre sua dinâmica familiar e como se sustentava. A parte II é uma seção dedicada exclusivamente a sua religião. Nele discorro sobre a sua fé e a construção dela, e também sobre seus benzimentos e repercussões dentro da comunidade. A parte III é sobre mostrar sua vulnerabilidade e quem ela realmente era, apresentar a sua vida-morte. A parte IV, o final, é para dizer o que essa Iaiá deixou de legado.

Na hora de escrever, para concluir, fiz uma primeira tentativa de usar os relatos dos entrevistados e criar uma história que não tivesse tantas aspas, algo como um narrador onipresente que soubesse toda a história, mas falhei, e para o bem maior. A melhor opção foi deixar que os entrevistados contassem a história por eles mesmos, tudo que precisei fazer foi dar o protagonismo a eles e costurar as conversas de forma fluída.

6.2.4. Projeto gráfico

A ideia do projeto gráfico do livro foi criar algo simples. As escolhas das tipografias, divisão de seções e cores foram pautadas em um projeto visual que não interferisse e/ou brigasse com o conteúdo por atenção, visto que ele deveria ser a parte mais importante. A ideia de como foram dispostos os títulos e subtítulos teve sua origem no livro de Grada Kilomba, “Memórias da plantação”, 1ª edição, publicada pela editora Cobogó. Referência esta que serviu de exemplo para a construção de uma diagramação que valoriza os vários relatos e tópicos dispostos em um único capítulo.

A capa, por conseguinte, foi uma mistura entre o minimalista e um delírio “barroco”. O título em evidência, no meio e em dourado, veio das capas de bíblias antigas. Aquelas todas em preto que só tinham uma coisa escrita no meio: Bíblia Sagrada. A apropriação dessa atmosfera religiosa foi proposital. A intenção é que aqueles que pegassem o livro sentissem que ele representa a vida sagrada de Iaiá, que representa uma forma de entrar em contato com a fé que ela tinha e tirar aprendizados de suas vivências. Por fim, e não menos importante, a

parte ornamental veio para criar um encantamento, resgatando um detalhe de livros mais antigos que tinham vários caprichos e detalhes primorosos.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever sobre Iaiá foi uma das coisas mais difíceis e assustadoras que já fiz. Lembro que no começo eu apagava e escrevia um milhão de vezes. Escrevia, via, reescrevia. Tinha medo, principalmente, de não fazer jus às entrevistas e acabar distorcendo a história que foi colocada em minhas mãos. Mas tudo mudou quando eu percebi que Iaiá já não me era mais tão estranha, não era mais uma desconhecida. Mudou quando eu descobri que conhecendo Iaiá eu estava conhecendo a mim mesmo.

Falar de alguém, é falar de pessoas. Essa foi uma das primeiras lições que aprendi ao longo do processo de entrevistas. Sempre que alguém falava de Iaiá, falava de Iaiá mais alguém. “Ela gostava muito de brigar com a *gente*”, “Iaiá gostava demais do *papai*”, “Iaiá rezava *nas pessoas*, ajudava *os vizinhos e todo mundo* que aparecia precisando de alguma ajuda”. Somos feitos de pessoas, e Iaiá era fruto de uma comunidade inteira.

Agora, eu sou fruto dessas pessoas. Como disse anteriormente, ter olhado nos olhos de cada um, ter sido inundado pelas suas emoções e ter tido a chance de tocar em suas lembranças com as pontas dos dedos e com o coração foi de uma preciosidade sem tamanho. Foi muito difícil não se emocionar. E, saindo dessa experiência, sinto que fui atravessado por

eles, e tenho certeza que eles foram atravessados por mim, fazendo de nós, dessa forma, frutos um dos outros.

Parte importante deste trabalho era enaltecer a importância do resgate e preservação da memória como um instrumento de potencialização de aprendizados que moldam o presente e o futuro. O livro, por sua vez, consegue mostrar como Iaiá foi uma figura que moldou toda uma geração, que saiu de seu lugar tendo absolutamente nada e hoje cresce em suas possibilidades. Iaiá mostrou como continua vivendo nas pequenas coisas, nos gestos, orações, na comida e principalmente na fé. Iaiá mostrou que vive entre as gerações.

O livro é capaz de mostrar como Iaiá é uma fonte de inúmeros saberes. Analisar sua vida permite abrir discussões sobre vários recortes relevantes como: A solidão da mulher negra; a construção da família nos moldes do matriarcalismo; privação de afetos; o homem e o alcoolismo; racismo estrutural; empregadas domésticas e os resquícios da dinâmica colonial; religiões afrodescendentes, saberes indígenas e catolicismo popular; sincretismo religioso; comunidades tradicionais; superstições; o poder da oralidade; o poder da fé; simbologia da comida e do partilhar; ascensão social e o apagamento de saberes; relação com a morte; e a relação com a vida. Sua história complexa e plural é capaz de ensinar muito. Fala sobre dar um passo atrás para dar dois à frente.

Sempre que falo do livro falo muito sobre mim e sobre sensibilidade. Tem coisas que na minha cabeça não é possível dimensionar, tampouco existem palavras em minha boca que possam descrever o quê e o quanto eu senti. O que essa mulher não viu? O que essa mulher não sentiu de dor? O que foi perder 16 filhos. O quanto essa mulher transformou as pessoas que viviam ao seu redor? O quanto ela ajudou aqueles que precisavam de ajuda? Iaiá agora povoa meus pensamentos e ecoa em meu coração.

Por fim, é preciso compreender a importância de resgatarmos nossas próprias histórias e recontá-las para mostrar que existe mais do que dor no passado. Nem só de dor somos feitos. Somos mais plurais que isso. Fazer esse resgate de memória é uma das formas mais potentes de conhecer a si mesmo. (Re)conhecer para (re)contar e (re)construir. Neusa Santos teve uma participação muito calorosa neste trabalho, e uma passagem de seu livro “Tornar-se Negro” resume bem o que quero colocar:

“Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades” (SOUZA, 1983, p.18).

O “*Livro de Iaiá*” é uma forma de trazer de volta à vida coisas que não podem e não devem ser esquecidas pelo tempo. É dar abraços, conselhos, risadas, é pedir a bênção. É valorizar a trajetória de cada um, entendendo que ainda tem muito mais a se conhecer, e relembrar. É compreender a potência guardada dentro de cada um. É, sobretudo, abrir o coração, fazer perguntas e escutar. Escutar tudo. Atentamente.

8. REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução Julia Romeu. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo. Contexto, 2006.

BARBIERI, Renato. **Atlântico negro na rota dos Orixás**. 1998. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2I0gjOhcZ-o&t=1045s&ab_channel=MyllaBarclay>. Acesso em: 01 fev. 2023.

BONVINI, Emílio. **Tradição oral afro-brasileira: As razões de uma vitalidade**. Traduzido por Karim Khouri. Proj. História. São Paulo, 2001.

CAMPOS, Luana; SILVA, Kenia. **A prevenção do mal-dos-sete-dias ou mal-de-umbigo por meio da prática da fomentação: reconhecimento, compreensão e valorização dos saberes tradicionais**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser**. Feusp, 2005. Disponível em: <<https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2023.

Conselho Federal de Psicologia (CFP). **Relações Raciais. Referências Técnicas para atuação de psicólogas/os**. 1ª ed. Brasília, 2017

CUNHA, Celina Gontijo. **A prática da benzedeira: memória e tradição oral em terras mineiras**. Mariana, Minas Gerais. 2018

Decreto de extinção da escravidão no Brasil. Manuscrito. Senado Federal. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/385454>>. Acesso em: 30 jan. 2023.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. Editora Atlas S.A. (2nd edição). Grupo GEN, São Paulo, 2006.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 1ª ed. Rio de Janeiro. Pallas. Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador. EDUFBA, 2008

JORGE, Thaís de Mendonça. **Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas**. 2ª ed. São Paulo. Contexto, 2012.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Tradução Jesse Oliveira. 1ª ed. Rio de Janeiro. Cobogó, 2019.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. 1ª ed. São Paulo. Editora Brasiliense, 1993.

LIMA, Evaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 1993.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: O diálogo possível**. 3ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.

MEDINA, Cremilda. **Povo e Personagem**. 1 ed. Canoas: Ulbra, 1996.

PENA, Felipe. **O jornalismo literário como gênero e conceito**. Anais do Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2006. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/77311256385591019479200175658222289602.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2023.

RAMOS, Lázaro. **Na minha pele**. 1ª ed. Rio de Janeiro. Objetiva, 2017.

ROSSI, Amanda; GRAGNANI, Juliana. **A luta esquecida dos negros pelo fim da escravidão no Brasil**. BBC. 11 mai. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/resources/idt-sh/lutapelaabolicao>>. Acesso em: 30 jan. 2023.

SEYFERTH, G. **Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização**. In: MAIO, M.C., and SANTOS, R.V., orgs. Raça,

ciência e sociedade [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; CCBB, 1996, pp. 41-58. ISBN: 978-85-7541-517-7.

Slave Voyages. Disponível em: <<https://www.slavevoyages.org/>>. Acesso em 30 jan. 2023.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1983.

9. APÊNDICES

9.1. Apêndice A - Roteiro de entrevistas

(Parte 1)

- I. Quem foi dona Iaiá para você?
- II. Qual a memória mais viva que você tem com ela?
- III. Você sabe de onde ela veio?
- IV. Como era a relação de vocês? E com a família?
- V. Quantos filhos ela teve? Você conviveu com eles? E seus maridos?
- VI. Como ela se sustentava?
- VII. Eu fiquei sabendo que a Iaiá era uma espécie de curandeira, o que você sabe disso?
- VIII. Você acreditava nos rituais que ela fazia?
- IX. Alguém teve interesse em aprender ou anotar esses saberes?

- X. Você se lembra de algum deles?
- XI. E porque você (ou os outros) não se interessou por esses saberes? (ou) Porque você (ou os outros) se interessou por esses saberes?
- XII. Você acha que ela sofreu discriminação pelas coisas que ela fazia? Ou só por ela ser negra?
- XIII. Ela fazia outras coisas além das rezas? (Ela fazia tranças, não era?)
- XIV. Como eram essas tranças que ela fazia?
- XV. Ela era parteira também, não era?
- XVI. De onde vem esse nome Iaiá? Tem algum significado?
- XVII. Tem alguma coisa que ela gostava muito? Uma comida ou uma música, por exemplo?
- XVIII. Como ela faleceu?
- XIX. Você estava próxima dela?
- XX. Você acha que ela teve uma boa vida?

(Parte 2)

- XXI. Quem é você? Conta um pouco da sua história.
- XXII. Com o quê trabalha?
- XXIII. Você se considera uma pessoa negra?
- XXIV. Porque você decidiu vir para Brasília? (ou) Porque você decidiu ficar em Teresina?
- XXV. Você acha importante relembrar essas histórias?